

MURILO CARVALHO: TRAÇOS BIOGRÁFICOS ENTRE PRÁXIS, JORNALISMO TESTEMUNHAL E LITERATURA

Murilo Carvalho: biographical traits between praxis, testimonial journalism and literature

Murilo Carvalho: rasgos biográficos entre la praxis, el periodismo testimonial y la literatura

Antonio Hélio Junqueira¹

Resumo

O artigo aborda traços biográficos do jornalista e escritor brasileiro Murilo Carvalho, acompanhando o percurso que o constrói como expoente singular na produção de uma narrativa própria sobre personagens habitantes do interior marginalizado do Brasil. O texto decorre de sucessivas entrevistas em profundidade com o biografado. A abordagem teórica contextualizada se estrutura na articulação dos conceitos de testemunho, memória social e práxis na construção de relatos jornalísticos e literários.

Palavras-chave: Testemunho. Memória coletiva. Relato social.

Abstract

The article addresses the biographical traits of the Brazilian journalist and writer Murilo Carvalho, following the path that builds him as a singular exponent in the production of his own narrative about characters inhabiting the marginalized interior of Brazil. The text stems from successive in-depth interviews with the biographed person. The contextualized theoretical approach is structured in the articulation of the concepts of testimony, social memory and praxis in the construction of journalistic and literary reports.

Keywords: Testimony. Collective memory. Social report.

Resumen

El artículo aborda los rasgos biográficos del periodista y escritor brasileño Murilo Carvalho, siguiendo el camino que lo construye como exponente singular en la producción de su propia narrativa sobre personajes que habitan el interior marginado de Brasil. El texto surge de sucesivas entrevistas en profundidad con el biografiado. El abordaje teórico contextualizado se estructura en la articulación de los conceptos de testimonio, memoria social y praxis en la construcción de relatos periodísticos y literarios.

Palabras-clave: Testimonio. Memoria colectiva. Informe social.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação (ECA/USP); Pós-doutorando do Programa de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (PPGGI/JFPR), Curitiba/ PR, Brasil. helio@hortica.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-1875-9133>.

1. Introdução

O presente artigo apresenta e discute parte do percurso e da trajetória profissional do jornalista e escritor brasileiro Murilo Carvalho, especialmente durante o período em que compôs a equipe do jornal semanal Movimento (1974-1981), órgão de expressão midiática contra-hegemônica, focado no enfrentamento ao ambiente instaurado com a ditadura militar no País e nas lutas pela restauração das liberdades democráticas, então emergentes.

O contexto destacado é aquele a partir do qual Murilo Carvalho passa a assumir progressivamente um fazer jornalístico próprio, enraizado no trabalho de campo em largos deslocamento por todo o País, dos quais extrairá e registrará testemunhos diretos da fome, da miséria e do aniquilamento material, mental e emocional de populações marginalizadas. No seu ofício, o profissional entrevistado não se limitará à retratação e à concessão de voz e visibilidade aos excluídos aos quais vai ao encontro. Ele se transformará, ele próprio, em um deles. Assim, para revelar a realidade dos boias-frias das lavouras interioranas de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, Murilo Carvalho tornou-se ele próprio trabalhador volante durante um período de seis meses, assumindo todo o modo de vida e existência cotidiana desses personagens, que então emergiam como produto e consequência da dita “Revolução Verde” no ambiente rural do Brasil. Nesse período, nunca revelou ser jornalista nem sujeito em condição social diferente da daqueles que então retratava.

Para compreender os elementos-chave de sustentação dessas práxis jornalística e literária testemunhais de Murilo Carvalho, buscamos pontes de conexão e diálogo com diferentes

abordagens teórico-conceituais sobre relatos, depoimentos e memória coletiva (HALBWACHS, 1990; BOSI, 1993), discursos ficcionais do jornalismo, da História e da literatura (BACCEGA, 1995) e sobre alteridade, reconhecimento e vivificação do Outro a partir do reconhecimento do seu direito à voz e à narrativização da própria existência (WEIL, 1979; 2001; COULDRY, 2010).

Do ponto de vista estrutural, o artigo se inicia com a apresentação de uma sùmula biográfica do jornalista investigado, destacando a parte de sua obra em que a abordagem testemunhal se torna mais relevante na construção dos textos e produtos midiáticos. No texto, tais proposições se desdobram nas análises do lugar e do espaço do trabalho de Murilo Carvalho, nos seus processos de trabalho e criação e nas dinâmicas de sua construção biográfico-narrativa. Finalmente, são apresentados os achados principais da investigação, apontando para a propriedade e produtividade das articulações teórico-conceituais propostas e mobilizadas para a compreensão do significado e valor dos relatos jornalísticos e literários testemunhais na construção social do real e da verdade (GOLDMANN, 1967; BARTHES, 1988).

2. Breves traços biográficos

Por desejo e vocação, Murilo Carvalho teria dedicado sua vida profissional, desde o início, apenas à carreira literária. Até 1974, vivendo no Rio Grande do Sul, escrever contos sobre sua infância e juventude vividas em Minas Gerais ocupavam seu tempo livre, disputado entre as atividades e demandas de sua carreira de redator publicitário. Naquele ano, o então jovem escritor submeteu contos de sua autoria ao júri do prestigiado Concurso Nacional de Contos, promovido pelo governo do Estado do Paraná, do qual saiu vencedor. O certame gozava de grande reputação

e concedia, como prêmio, um substancial valor financeiro. Tal montante, somado a pequenas economias pessoais, foi suficiente para garantir a realização do sonho do abandono do emprego e do início da aventura de poder ganhar a vida gozando os prazeres do ofício de apenas escrever.

Nas trajetórias desenhadas nesse novo percurso, então tornado possível, Murilo Carvalho viajou para São Paulo e de pronto conectou-se com jornalistas que, naquele momento, articulavam a criação do semanário Movimento, veículo de franca e declarada oposição ao governo militar, então sob comando do general Ernesto Geisel (presidente nacional no período 1974-1979). O primeiro número circulou em 7 de julho de 1975 e o jornal durou até 1981, já sob intensas ameaças e atentados perpetrados por parte de setores da extrema direita contra bancas de jornal em São Paulo, Londrina, Rio de Janeiro, Goiânia e Salvador, que comercializavam o semanário.

O jovem Murilo, então animado com as possibilidades que se abriam, decidiu definitivamente deixar tanto a vida em Porto Alegre quanto a ideia de se dedicar somente à literatura. Mudou-se para São Paulo e passou a integrar a equipe de Movimento, que sob a liderança do jornalista Raimundo Rodrigues Pereira e juntamente com os jornais Opinião e O Pasquim, foi uma das mais importantes publicações da imprensa alternativa durante a ditadura militar. Entre os principais colaboradores do periódico, estiveram políticos, artistas, intelectuais e jornalistas como Fernando Henrique Cardoso, Perseu Abramo, Chico Buarque de Holanda, Jacob Gorender, Nelson Werneck Sodré, Chico de Oliveira, Moniz Bandeira e Elifas Andreato, entre muitos outros expoentes.

Os processos de chegada e adesão do jornalista àquele semanário, acompanhados da construção de novas rotinas e abordagens de trabalho, comportaram, desde o início, diferentes elementos que se tornarão marcos decisivos na construção do perfil, método e postura de Murilo Carvalho frente à realidade, pessoas e objetos que retrata e que progressivamente irão construir

sua obra e sua própria biografia. Em primeiro lugar, porque, devido à feroz vigilância da censura vigente à época sobre a vida social e especialmente sobre a produção cultural e a mídia jornalística, os talentos literários já presentes em Murilo Carvalho serão especialmente bem-vindos e estrategicamente necessários para conferir certa roupagem narrativa às abordagens dos temas propostos. Isso era então um estratagema para garantir dribles e escapadas aos cortes e interdições, que uma linguagem jornalística mais direta e contundente nas denúncias das mazelas impostas aos trabalhadores e aos estratos populares mais desprotegidos certamente teria como destino. Ganha corpo e espaço, assim, na nascente práxis jornalística do repórter, documentarista e narrador ora analisado, uma escrita mais literária do que informativa a respeito dos embates trabalhistas, das injustiças e do desespero que já então condenava milhões de brasileiros a condições sub-humanas de existência.

Um segundo ponto a ser destacado, nesse início de trajeto, é que a proposta original do jornal Movimento de produzir uma série de reportagens sobre o cotidiano de vida e inserção social dos trabalhadores brasileiros de todo o País, encontrou em Murilo Carvalho eco profundo e um espaço discursivo próprio, enraizados em sua vivência interiorana, entre simplicidades e gentes de roças. De fato, as matérias produzidas nesse período eram dirigidas a uma seção especial do jornal, a Cena Brasileira, que visava dar visibilidade às vidas de gentes simples, marginalizadas, esquecidas ao longo dos extensos territórios do País.

Tais passos foram decisivos para dar início à conformação da carreira jornalística de Murilo Carvalho enquanto narrador das gentes e paisagens habitantes e constituintes de um Brasil profundo, distante, perdido e propositalmente ignorado pelos artífices e alardeadores do então dito “Milagre Econômico Brasileiro” (1969-1973), que dava a uns e tirava de milhões; que integrava e

beneficiava elites, enquanto excluía e condenava à fome e à miséria trabalhadores de todas as esferas sociais, mas especialmente no campo. Murilo Carvalho inicia, assim, a construção do seu lugar próprio na narrativa não apenas do rural, mas da própria marginalidade interiorana do Brasil.

A série de reportagens produzida para a seção Cena Brasileira, veio posteriormente a dar origem a dois livros-reportagens. O primeiro deles, publicado em 1976, narra, a partir das próprias falas e testemunhos dos entrevistados, estórias de feirantes rurais (Feira de Santana, BA), trabalhadores da banana (Itanhaém, SP) e do café (Norte do Paraná), plantadores de trigo (Ijuí, Rio Grande do Sul) e de colônia de pescadores (Torres, RS), Fala, também, de trabalhadores e operários das indústrias metalúrgica (São Bernardo do Campo, SP) e mineral (ferro, Vitória, ES: carvão, Criciúma, SC; pedreira, São Tomé das Letras, MG). Porém, os temas que mais despertarão a atenção dos leitores, posto que até então praticamente intocados, serão os da revelação da trágica e precária vida dos boias-frias (Araraquara, SP) e da favelização das encostas das estradas ocupadas por trabalhadores expulsos de fazendas e da proteção de contratos trabalhistas (CARVALHO, 1976). O segundo livro da série Cenas Brasileiras aborda as culturas populares e suas resistências, especialmente nos contextos da religiosidade, das festividades e de suas expressões artísticas (CARVALHO et al, 1977). Para Murilo Carvalho, Cenas Brasileiras não eram apenas denúncias. Eram também janela para mostrar um pouco da cultura de nossa gente dos sertões mais diversos, seus sonhos, suas músicas, suas festas” (excerto de entrevista, 2020).

Muitos dos textos-reportagens do autor, produzidos nessa época, não chegarão a ser publicados pelo jornal Movimento, em decorrência da censura. Tal fato ensejará a migração de Murilo Carvalho para outros formatos editoriais, iniciando sua produção de literatura ficcional, a partir de seus retratos dos povos, culturas e paisagens do Brasil. O primeiro produto dessa série será A

cara engraçada do medo (CARVALHO, 1977), em que o autor narra a precariedade dos meios e das condições de transporte a que estão submetidos os trabalhadores volantes e as memórias tanto das tragédias quanto da companhia constante do medo que ronda o cotidiano das pessoas retratadas.

Tragédia, desgraça e o terror que suas memórias ou suas potencialidades despertam são os elementos-chave para a emergência da literatura de testemunho, que, no dizer de Adoue (2008, p. 53) “surge das necessidades literária ou extraliterária de encontrar formas adequadas para narrar a violência e remete-nos sempre a cruzamentos entre literatura e história, ou entre literatura e política”.

A partir da imersão de Murilo Carvalho no espaço social, geográfico e cultural das agruras do interior e do sertão do Brasil, ele próprio passará a tornar-se testemunha viva das amplas, profundas e deletérias mudanças que aportaram no meio rural como consequência dos processos da chamada “Revolução Verde”, em marcha e escalada global, especialmente a partir da década de 1960, cuja violência nunca deixará de denunciar. Calcada em pacotes científicos e tecnológicos para o rápido e intenso aumento da produtividade do campo, a “Revolução Verde” se constituía, então, em um discurso hegemônico destinado a “descolar o sentido social e político das lutas contra a fome e a miséria, sobretudo após a Revolução Chinesa, Camponesa e Comunista de 1949” (PORTO-GONÇALVES, 2006). Transferindo para a questão tecnológica a responsabilidade de sanar as mazelas do capitalismo excludente, dito movimento tentará esvaziar as expressões da extrema pobreza que tomava conta de amplas parcelas da população. Esse era o espaço que urgia explorar e as astúcias que precisavam ser denunciadas. Deles e contra eles nascerão os discursos e narrativas de Murilo Carvalho e nesse solo o autor deitará suas mais fundas raízes.

A partir do fechamento do semanário Movimento, em 1981, Murilo Carvalho não abandona seu vínculo com as ruralidades e suburbanidades nacionais. Pelo contrário, seguindo nessa mesma direção, passou a trabalhar como jornalista da Folha de São Paulo, onde foi o editor do suplemento Agrofolha. De lá, seguiu para a Editora Abril, onde foi editor executivo do Guia Rural e diretor de redação da revista Estilo Brasil. Foi diretor de redação dos programas Agrojornal – inserido no programa do jornalista Boris Casoi, com o qual Murilo já havia trabalhado nos seus tempos de Folha de São Paulo – e Diário Rural, que dirigiu, na TV Bandeirantes. No Sistema Brasileiro de Televisão - SBT foi diretor, por 26 anos, do programa Siga Bem Caminhoneiro exibido entre 14 de maio de 1995 e 28 de dezembro de 2008 e reformulado, a partir de 2009, para Brasil Caminhoneiro, ao qual se mantém como repórter vinculado até a data dessa entrevista. Brasil Caminhoneiro foi exibido pela SBT até o dia 29 de dezembro de 2019, sendo depois assumido pela TV Aparecida e pela Rádio Capital, de São Paulo. Além de retratarem a vida cotidiana do mundo caminhoneiro, todos esses programas exploram pautas educativas sobre meio ambiente e saúde, abarcam a prestação de serviços e realizam campanhas contra a exploração sexual de menores e violência contra mulheres, entre outras temáticas igualmente relevantes.

3. O lugar e o espaço do trabalho: em busca do verdadeiro chão para o relato

Em mais de um sentido, a obra jornalística e literária de Murilo Carvalho se aproxima da práxis filosófica, operária fabril e militante da francesa Simone Weil (1909-1943), pelas contribuições que aporta aos fenômenos da atenção, contemplação e reflexão permanente sobre a vida de pessoas concretas, simples, marginalizadas e repletas de carências e miséria. Entre eles, um deve, desde já,

ser destacado: a transformação de si mesmo no sujeito narrado. De fato, Simone Weil se tornou operária da Renault, em Paris, nos anos de 1934 e 1935, para poder escrever sobre a vida e o cotidiano no interior da fábrica; Murilo Carvalho tornou-se boia-fria.

Nessa direção, a análise da obra selecionada de Murilo Carvalho revela um trajeto profissional, na construção do qual tornou-se cada vez mais necessário e imperioso superar o discurso da mídia hegemônica – que, em realidade, mais se dedica a falar de ação política e a construir retóricas que a tematizam, do que a praticá-la –, para transformar o fazer jornalístico, ele próprio, em ato e instrumento político. Assim, o lugar e o espaço de trabalho assumidos tornam-se, per se, políticos, posto que alinhados às mudanças do jogo social que se almejam, ao dar voz, expressão e articulação de sentidos aos emudecidos e apagados pelo poder e pela discriminação. Trata-se de fazer falar aquele a quem foi subtraída a própria fala. Ou, como no dizer de Simone Weil, os sucumbidos no desenraizamento e no malheur do trabalho esgotante e alienante, que mal supre as necessidades biológicas mais básicas da vida (WEIL, 1979). A categoria conceitual do malheur, em Simone Weil, não se pode traduzir apenas por infelicidade ou desgraça (NOGUEIRA, 2017). Trata-se de uma quase morte em vida, que decorre do aniquilamento profundo do sujeito em todas as suas dimensões existenciais – físicas, psicológicas e sociais – e que o coisifica.

Para construir a práxis que dê conta desse projeto e a partir da qual faça emergir o sujeito comum, subalternizado e coisificado, torna-se imprescindível superar o discurso estereotipado hegemônico a respeito das suas condições materiais e simbólicas de existência, conferindo presença, voz e espaço para que o narrado se torne dono das expressões de sua própria vida e das assimetrias e iniquidades sociais a que está sujeito. É preciso, pois, superar a narrativa da fome e da miséria como produtos da falha ou incompetência do próprio indivíduo, para realocá-la em

suas verdadeiras perspectiva e dimensão, ou seja, naquelas que o fazem vítima do descaso e da marginalização promovidas por um sistema excludente e implacável na defesa e promoção dos interesses do poder e das suas elites. Em mais de um sentido, a práxis que se vai então instaurando no fazer jornalístico de Murilo Carvalho, antecipa os fenômenos desvendados por Couldry (2010), ao denunciar o silenciamento e a desqualificação social da voz do sujeito desprovido de interesses lucrativos no contexto das economias liberais.

Refletindo sobre as possibilidades sócio-históricas dessas intervenções sociais do fazer midiático, os conceitos de John Downing (2004), de mídia radical, tornam-se apropriados à compreensão do trabalho de Murilo Carvalho e do próprio semanário *Movimento*. No arcabouço dos conceitos mobilizados por esse autor (DOWNING, 2004), para a mídia radical é preciso seguir para além da construção da crítica sobre o social, com a qual tanto o pensamento retórico, quanto a sua prática se saciam, para transformá-la em instrumento, pauta e ponto de partida para a intervenção e a mudança.

Murilo Carvalho atesta, à época, a necessidade da construção de espaços antihegemônicos de resistência para a emergência do pensamento crítico de oposição ao regime militar e à ditadura então vigentes. Naquele contexto, torna-se necessário e incontornável pensar, criar e operar uma nova prática do fazer jornalístico, evadindo-se das rotinas consolidadas no habitus das redações dos grandes jornais (BARROS FILHO, 2002; SPONHOLZ, 2008). Para o jornalista-escritor:

ao pensar um jornal como o *Movimento*, a ideia central era buscar outras visões de mundo, diferentes daquelas transmitidas pela imprensa 'oficial', os grandes jornalões. E isso só poderia ser conseguindo quebrando paradigmas: um jornal sem dono, propriedade de seus colaboradores. Foi isso que me levou a dedicar meu tempo, o

pouco de dinheiro que tinha, o salário quase simbólico, para viver anos de trabalho pesado pelo País. Não que me fosse pesado o dia-a-dia, mas cada história bruta a ser contada. Claro que não deixava de haver um componente de aventura, o que me fascinava bastante (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

Segundo Downing (2004), existência e a própria sobrevivência das iniciativas e veículos da mídia radical possuem forte interdependência material e política com os movimentos sociais e suas redes de cooperação interpessoal para a resistência e a luta. Nesse sentido, o jornal *Movimento* teve sua penetração social e duração fortemente condicionadas ao engajamento e cooperação de jovens estudantes ativistas em todo o Brasil. Tais teias de enredamento de relações de alimentação e retroalimentação entre mídia e ativistas colaboradores, sustentava-se fundamentalmente na dialogicidade e na expressão polifônica dos diferentes agentes do tecido social, conforme proposto por Bakhtin (1990), especialmente no contexto das culturas populares, elementos caros à seção *Cena Brasileira*, de *Movimento*.

É interessante notar que o apoio quase incondicional que recebi em todos aqueles anos de trabalho para produzir *Cenas Brasileiras*, foi fundamental para que desse certo. Logo que o jornal decolou, havia, em cada canto do Brasil, jovens colaboradores que saíam para vender assinaturas, reunir-se para discutir os temas sociais e políticos estampados em suas páginas. Formou-se uma extensa rede de apoiadores e colaboradores, que me recebiam em suas casas, me mostravam as questões mais relevantes dos trabalhadores de sua região. Só assim foi possível narrar a vida de tantos brasileiros das mais diversas profissões. Fazer um retrato desse Brasil profundo, quase ignorado (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

Conforme Arfuch (2010), todo relato, quer na entrevista biográfica, quer na narração sobre fatos ocorridos, é uma atribuição de sentidos, uma forma de tornar os fenômenos inteligíveis, postulando relações e interpretações. Trata-se, pois, de uma tomada de posição política na escolha dos elementos a serem narrados e, quiçá, historicizados (BACCEGA, 1995).

Murilo Carvalho constrói, a partir dessas possibilidades, um espaço alternativo para a emergência da emoção e da imaginação na narração das realidades retratadas, em um caminho que segue para muito além do papel informativo, lógico, objetivo e racional pretensamente atribuído ao jornalismo e à reportagem em certos círculos midiáticos e acadêmicos (GOMES, 2009). Assim, os textos do autor analisado se aproximam ainda mais da obra weiliana que se constrói contra qualquer rotulação e contra as “tirantias da objetivação” (NOGUEIRA, 2017, p.33). Para Murilo Carvalho,

Diante disso, não havia como ficar indiferente. Era necessário denunciar, mostrar que o tal “Brasil Grande” que a ditadura anunciava era apenas uma política para poucos, especialmente os mais ricos. É evidente que era uma postura de contestação a que nós tínhamos no Movimento. Mas era também uma postura pessoal: eu acreditava, como acredito até hoje, nos meus 70 anos, que cada trabalhador, cada trabalhadora tem que ter seus direitos de ser humano respeitados. Sem exploração, com acesso à educação, à saúde, à moradia, à alimentação. Parece tolo falar isso, não é? Tão óbvio. Mas basta abrir os olhos para este nosso país e perceber que apesar de tanta luta, nada parece ter mudado (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

4. Processo e método de trabalho

Desde o início de sua atuação no ofício de repórter de Movimento, Murilo Carvalho desenvolveu um processo de trabalho solitário, executado no percurso de longos deslocamentos geoespaciais e feito das convivências estabelecidas em longas e extenuantes jornadas. Em seus percursos, vão sendo conhecidos, revelados e agregados trabalhadores, líderes sindicais e de pastorais da Igreja Católica, políticos de oposição, jornalistas simpatizantes de cidades do interior e personagens das vidas rural, urbana e periurbana desse imenso Brasil. Tratou-se, desde o princípio, de desbravar, criar ou recriar um fazer jornalístico ainda não existente, mutilado ou desde muito já abandonado pela grande mídia, em parte devido à ferocidade da censura, outras vezes por pura conveniência ou conviência com os ditames do regime militar.

Escrever Cenas assim foi extremamente gratificante. Afinal, me permitiu conhecer o País inteiro, encontrar pessoas fascinantes, gente simples, com profundo conhecimento da vida: o que realmente importa. Tive um grande amigo nesse percurso: Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia. Passei largas temporadas com ele, me ensinou bastante, me apoiou no trabalho, passava noites conversando sobre a importância de escrever cenas como aquelas. Aliás, fez mesmo o texto de introdução de um dos meus livros de reportagem: Sangue da Terra – Luta armada no campo. Foi embora recentemente. Não pude ir ao enterro, lá no Mato Grosso, mas pude chorar um pouco vendo aqueles índios carregando seu caixão (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

A continuidade e o aprofundamento dos contatos com as vidas e as gentes endurecidas pela constante espoliação social revigoravam e refaziam permanentemente o desejo de seguir nessa

direção e dar alguma voz aos excluídos e tornavam a narrativa construída em torno do projeto da *Cena Brasileira* não apenas importante, mas inadiável e incontornável.

O processo de trabalho e do fazer jornalístico de Murilo Carvalho, lhe impõem, desde cedo em sua carreira, a necessidade de ele próprio tornar-se testemunho vivo imerso na realidade daqueles que pretende retratar.

Houve um momento que o próprio jornal acabou me propondo alguns desafios. Para compreender melhor a vida dos boias-frias, esses trabalhadores rurais que continuam nas madrugadas de tantos caminhões, acabei indo trabalhar como um deles. Primeiro nos cafezais do sul de Minas, depois no interior de São Paulo e finalmente no norte do Paraná. Foi uma experiência impressionante. Vivi em pequenas pensões alugadas pelos gatos, nunca me revelei jornalista. Foram seis meses de trabalho. A droga é que poucas dessas histórias puderam ser publicadas por causa da censura. Mas, como vivemos num país meio estranho, não havia censura para livros de ficção. Então peguei as reportagens, dei a elas um tratamento mais literário e pude editar o livro *A cara engraçada do medo* (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

O autor que ora analisamos torna-se, assim, verdadeira testemunha dos fatos e emoções narrados não apenas porque fala sobre algo presenciado e vivenciado, mas principalmente porque se coloca ele próprio no lugar daqueles sobre quem quer falar, no que, em certa medida, sua experiência se assemelha, insistimos, à da filósofa Simone Weil (1909-1943), que prega o olhar, a atenção e a reflexão permanente sobre os que sofrem as misérias e as injustiças do mundo, para só assim permitir-se compreender, acatar e cuidar do Outro.

Nessa direção, no percurso de sua obra, o autor biografado assume gradativamente uma posição heroica em uma sociedade anti-heroica (FEATHERSTONE, 1992) e o heroísmo que sustenta sua distinção biográfica que ora postulamos é, como no dizer de Buonanno (2011, p. 69-70):

da organização da sua própria existência de acordo com princípios éticos, que encorajam e valorizam o sacrifício, a disciplina, a dedicação a uma causa ou missão, a capacidade de enfrentar árduas provas [...], incluindo a desaprovação e hostilidade de uma cultura anti-heroica predominante.

5. A construção narrativa

De uma parte, por imposição das demandas do jogo de tentar driblar a vigilância da censura do período ditatorial do militarismo brasileiro, e de outra, por inclinação e talento pessoais, a narrativa de Murilo Carvalho vai progressivamente adquirir tonalidade e caráter literários únicos e distanciados de certa objetividade jornalística, conforme padrões propalados e idealizados em certos círculos midiáticos profissionais e acadêmicos (BARROS FILHO, 2002; SPONHOLZ, 2008; GOMES, 2009).

O contato permanente com trabalhadores de todo o país, especialmente da área rural, pobres, humilhados, esquecidos, explorados, quase sem direitos trabalhistas mostrou a importância de revelar essa dura situação em que grande parte de nossa população vivia. Por isso a narrativa de *Cena Brasileira* tornava-se importante. Do ponto de vista jornalístico, uma narrativa meio literária, talvez pouco objetiva, não era comum. Na verdade, lembrava velhos textos de jornais do passado. Mas acabou tornando-se uma boa opção para contar a realidade do país, de forma mais contundente, pois dava a palavra ao trabalhador, revelava seus sonhos, sua dura realidade (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

O autor abre, assim, espaço para a emoção e a subjetividade e opta por conceder voz e espaço narrativo aos seus próprios entrevistados para que eles revelem, per se, suas duras realidades cotidianas, temperadas com alternados momentos de desamparo, desesperança, sonho e projetos de futuro. Seus textos trarão sempre elementos literários para a construção de cenários e apresentação dos personagens, como na reportagem “Tubarão” (CARVALHO, 1976, p.73):

a poeira vermelha do minério de ferro está sempre no ar, soprada pelo vento da baía de Vitória. Élcio enxuga os olhos irritados procurando ver se o ônibus já sobe a ladeira da praia do Camburi [...] Tubarão é o maior porto de embarque de minério de todo o mundo e pertence à Cia. Vale do Rio Doce.

Porém, as histórias serão narradas na voz dos próprios sujeitos entrevistados:

– A vida do pobre é dura, qualquer bobo sabe como é que é. A gente trabalha meio sem esperança, sabe que nunca vai passar disso. O que sobra é os filhos, ver se eles não passam o que nós passamos [...] A poeira do minério gruda no corpo da gente e fica brilhando. A gente toma banho de chuveiro, lava que lava, e pensa que saiu? Saiu nada, tá cheio de brilhaço nos braços. Isso deve fazer algum mal, eu não sei não (CARVALHO, 1976, p.75-77).

Nesse percurso, Murilo Carvalho se converte em testemunha daquilo que vê e vivencia, mas instaura, simultaneamente, o tempo e o espaço do testemunho de seus entrevistados; dá-lhes voz e existência; deixa-os falarem por si mesmos e, assim, representarem para o Outro a realidade-mundo em que se encontram imersos. Trata-se, pois, da construção de uma dimensão política da narrativa, que mais do que enumerar, relatar e alinhar fatos, fenômenos e consequências, permite

a emergência e a exposição das fissuras e contradições sociais na fala mesma daqueles que as experimentam cotidianamente em suas carnes e almas. Como em Ricouer (1997), a narrativa então se constrói como lugar de conversação, no seu sentido mais amplo, ou seja, naquele em que as trocas entre o si mesmo, o Outro e o mundo modulam a produção de conhecimento, a partir do intercâmbio recorrente dos lugares possíveis entre o real e o texto.

Em seu progressivo caminhar, Murilo Carvalho estabelece e se deixa conduzir por uma nova práxis, em que mais do que refletir o mundo real observado, instaura a transformação de si mesmo e do mundo. Estabelece, assim, seu distanciamento de uma pretensa objetividade jornalística, denunciando seus vínculos e subordinação às vicissitudes do discurso hegemônico do poder nas redações da grande mídia (BARROS FILHO, 2002; SPONHOLZ, 2008; GOMES, 2009).

É comum se falar em jornalismo objetivo, que traduza a realidade de forma completa, ouvindo todos os participantes de cada acontecimento, ou interpretando os mais diversos pensamentos políticos ou sociais. Basta refletir um pouco para perceber que essa objetividade não existe no jornalismo tradicional. Cada jornal ou revista, cada noticioso de televisão tem por trás a linha editorial de cada veículo. E quem dá essa linha editorial são os donos das empresas e seus editores contratados. Nunca me esqueço da frase escrita nos muros de São Paulo durante a greve dos jornalistas de 1982 (se não me engano) “Não compre jornais, minta você mesmo”. Há uma tradição nos jornais – em todas as publicações, rádio, TV, revistas – de que a voz do dono é revelada nos editoriais. Ali se concentraria o pensamento, a ideologia, a visão de mundo daquele veículo. Pura bobagem. A visão de mundo de cada publicação se esparrama por todas as páginas, abrindo-se uma ou outra exceção para algum colunista: afinal esse cantinho pode servir de desculpa para as posições oficiais do jornal (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

Murilo Carvalho critica e expõe, assim, os movimentos da construção social do real, da verdade, ou dos efeitos de verdade (GOLDMANN, 1967; BARTHES, 1988), prevalentes na rotina do fazer jornalístico da grande mídia, que manipulam o jogo dos sentidos que flutuam nas práticas e formações discursivas de agentes de classes em oposição. Para ele, é preciso, pois, gerar e garantir espaços para novas narrativas e discursos em confronto, vindos de sujeitos que ocupam diferentes posições e lugares subalternos na hierarquia social. Afinal, o jornalismo é, antes de tudo, um fato de língua (GOMES, 2000) e um lugar para a construção da fala. Nesse fazer, o autor analisado afirma:

Naqueles anos de jornalismo itinerante, vi e vivi muita coisa. Passei a compreender melhor o espírito de nosso povo pobre e sertanejo. Assim, escrever sobre ele – especialmente sobre o mundo rural de pequenos produtores – tornou-se mais do que uma necessidade, uma obrigação. Claro que minha própria origem rural, de uma pequena cidade de Minas Gerais, influenciou bastante essas escolhas. Mas o fundamental foi o olhar necessário para traduzir tudo isso para um público urbano e politizado. Que sabia da existência dessa gente, mas desconhecia o dia-a-dia de trabalho duro e mal remunerado (excerto da entrevista com Murilo Carvalho, agosto de 2020).

Podemos no último trecho desse excerto, reconhecer, a relevância assumida pelo papel do testemunho na construção noticiosa, em que o jornalista se faz presente no lugar inacessível ao grande público, construindo, a partir daí, sua performance como testemunha na, pela e através da mídia, para assim reportar e dar credibilidade a uma realidade e a uma experiência distante das massas (FROSH; PINCHEVSKI, 2009).

O fazer literário – que em Murilo Carvalho, se alterna, se funde e se complementa com a práxis jornalística – não lida com o discurso do já dito, do já acontecido. Pelo contrário, banha-se nos “jogos de possibilidades; ele não busca ‘o efeito de real’, ele é o ‘outro real’” (BACCEGA, 1995, p.86). O discurso literário, tanto quanto o jornalístico ou o histórico se configuram como respostas às necessidades emergentes em seus respectivos campos. São próprios, porém interconectados, e todos se relacionam com as escolhas tanto do sujeito da percepção do real diretamente vivido, observado e narrado quanto do receptor da sua fala ou de sua escrita. Ambos escolhem entre a manutenção dos estereótipos, opiniões e preconceitos e os sentidos e caminhos do conhecimento e da mudança social.

6. Considerações Finais

Os embates entre as dimensões da objetividade jornalística, da subjetividade literária e da práxis que institui processos testemunhais, prenhes de propriedades e dinâmicas interpretativas são problemáticos no campo dos estudos da comunicação e ensejam novas e constantes abordagens para o entendimento dos processos de construção da verdade e do conhecimento, contribuindo para a produção de narrativas críveis e socialmente engajadas.

Narrativas de aproximação atenta do pensamento com os objetos, conforme propiciadas pelo acolhimento não preconceituoso das testemunhas, constituem-se exercícios de amor e humildade, conforme aqui introduzidos a partir do pensamento weiliano. É o que permite que a verdade se sobreponha às opiniões, convicções e estereótipos, cuja escalada na sociedade contemporânea enseja os maiores cuidados e as mais urgentes providências de combate.

Sem a afinidade entre a disponibilidade, empatia, comprometimento e dedicação do sujeito que observa, percebe e narra e sua ação concreta em relação ao objeto social de sua atenção, nada pode acontecer. É na confluência tensa dessas dimensões que o trabalho de Murilo Carvalho nasce, finca raízes e ilumina os fazeres jornalístico e literário solidários, responsáveis, engajados e, portanto, amorosos.

Referências

- Adoue, S.B. (2008). *Rodolfo Walsh, o criptógrafo: relações entre escrita e ação política*. 2008. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Arfuch, L. (2010). *La entrevista, una invención dialógica*. Paidós.
- Baccegá, M. A. (1995). *Palavra e discurso: história e literatura*. Ática.
- Bahktin, M. (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec.
- Barros Filho, C. (2002). Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia. *Contracampo*, v. 2 n. 7, p. 157-183.
- Barthes, R. (1988). *O rumor da língua*. Brasiliense.
- Bosi, E. (1993). Research on social memory, *Psicologia USP*, v.4. n.1/2, p.277-284.
- Buonanno, M. (2011). Histórias de vida exemplares: biografias. *Matrizes*, ano 5, n. 1, p. 63-84, jul./dez.
- Carvalho, M. (1976). *Estórias de trabalhador*. Brasiliense, (Série Cena Brasileira).
- Carvalho, M.; Borba Filho, H.; Galvão, G.; Rodrigues, L. F.; Cirano, M.; Almeida, R.; Wisnik, J. M. (1977). *Festas e artistas populares*. Brasiliense (Série Cena Brasileira).
- Couldry, N. (2010). *Why voice matters*. Culture and Politics after Neoliberalism. Sage.
- Downing, J. (2004). *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Editora Senac São Paulo.
- Featherstone, M. (1992). The heroic life and everyday life. *Theory Culture Society*, v. 9, p. 159-182.
- Frosh, P.; Pinchevski, A. (Ed.) (2009). *Media witnessing testimony in the age of mass communication*. Palgrave Macmillan.

Goldmann, L. (1967). *Ciências Humanas e Filosofia*. Difel.

Gomes, M. R. (2000). *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. Hacker Editores /Edusp.

Gomes, W. (2009). *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo*. Insular.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Vértice/Revista dos Tribunais.

Nogueira, M.S.M. (2017). A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação. *Sísifo*, v.1, n.6, p. 21-37.

Porto-Gonçalves, C. W. (2006). *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Civilização Brasileira.

Ricouer, P. *Tempo e narrativa*. Papirus, 1997.

Weil, S. (1979). *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Paz e Terra.

Weil, S. (2001). *O enraizamento*. Edusc.